

O ORIENTE AMAZÔNICO BOLIVIANO E A MODERNIDADE NOS ESCRITOS DE AGUSTÍN PALACIOS E EDWIN HEATH

Saulo Gomes de Sousa¹
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
sallinos@gmail.com

La selva es una virgen que no se entrega nunca, tendremos que arrancarle con fuerza la palabra, vestirla con ciudades, ceñirle con caminos los muslos inviolados, quemar su piel velluda con sangres de progresos y civilizaciones.

(Raul Otero Reiche)²

RESUMO

Neste artigo tentaremos apresentar de forma inicial os efeitos e a possível influência da modernidade durante a indústria da borracha na segunda metade do século XIX na Amazônia boliviana a partir dos relatos de Agustín Palacios (1846) e Edwin Heath (1882). Tentaremos compreender a partir dos conceitos de modernidade desenvolvidos por Anthony Giddens (1991) e Marshal Berman (2001) como se deu as mudanças provocadas durante o período republicano na região norte amazônica boliviana ou oriente boliviano (Beni, Pando e Santa Cruz), conhecido também como *Moxos y Chiquitos*, a diferença de outras regiões amazônicas.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia, modernidade, Bolívia,

ABSTRACT

This article will attempt to present the effects of initial shape and the possible influence of modernity during the rubber boom in the second half of the nineteenth century in the Bolivian Amazon from the reports of Agustin Palacios (1846), Edwin Heath (1882). We will try to understand the concepts of modernity developed by Anthony Giddens (1991) and Marshall Berman (2001) how did the changes brought about during the Republican period in the northern Bolivian Amazon or

¹ Mestrando do programa em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Bolsista Capes. Professor de Espanhol no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRO, editor assistente do Center for Amazonian Literature and Culture – CALC/*Smith College* e pesquisador dos grupos: Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia/IFRO e Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade/UNIR

² Poeta boliviano (1906-1976).

Eastern Bolivia (Beni, Pando and Santa Cruz) also known as Moxos and Chiquitos, unlike other regions of the Amazon.

KEYWORDS: Amazon; Modernity; Bolivia.

1. A MODERNIDADE E A CONQUISTA DA AMAZÔNIA BOLIVIANA

Segundo Giddens (1991):

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes tanto em sua extensão quanto em sua intencionalidade e suas mudanças são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças característicos dos períodos precedentes” (GIDDENS, 1991, p.10).

Entendemos que o que ocorreu na Amazônia se constata por meio de mudanças profundas, e consequências advindas das intervenções progressistas da modernidade.

Ainda sobre a modernidade apontamos aqui a referência de Marshal Berman em relação ao que é ser moderno:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 2001, p.15).

A expansão da indústria da borracha no fim do século XIX trouxe grandes impactos para a região Amazônica. Impactos motivados não apenas pela exploração contínua da borracha por décadas, mas também pelas possíveis riquezas ainda não descobertas na região e da promessa de grandes potencialidades que exploradas poderiam concretizar o tão sonhado, pela elite nacional e pelos cronistas e viajantes estrangeiros na Amazônia, progresso. Como afirma Márcio Souza em seu texto *Amazônia e Modernidade* (2012): a região amazônica sempre esteve acostumada à modernidade em diferentes

épocas e nem sempre se assusta com as mudanças provocadas por ela.

Desta forma as mudanças começavam a ocorrer conforme o avanço da modernidade e, conseqüentemente, o avanço do homem nos rincões ainda desconhecidos da Amazônia pela sociedade nacional. No entanto em muitos casos na Amazônia a modernidade não suprimiu as culturas regionais, que se mantêm e fazem desta região um caso peculiar na manutenção de suas tradições, nas quais a certeza e a razão modernista não conseguiram ainda alcançar êxito total.

Dadas as dificuldades encontradas no reconhecimento dos vales dos rios e dos possíveis acessos para o interior amazônico, países como Brasil e Bolívia tiveram que criar comissões para reconhecimento dessas áreas ainda então desconhecidas no final do século XIX. Tal interesse de reconhecimento hidrográfico era quase que exclusivamente concentrado na exploração dos recursos naturais. Assim, criaram essas comissões que por sua vez realizaram registros minuciosos e agregaram a esses registros a elaboração de mapas. Essas atividades davam a conhecer ao mundo o ambiente, dentro da visão modernista, como lugares com potencialidades de progresso, no sentido estritamente econômico.

Estas comissões tinham também como interesse reconhecer e ao mesmo tempo definir as fronteiras do território com a finalidade de afirmar o poder nacional na região. Uma das principais dificuldades para reconhecimento da região era justamente o acesso. O acesso por terra era quase impossível, dadas as características da vegetação, de mata fechada, de difícil acesso, a existência de répteis e feras e a maior dificuldade em lidar com as doenças tropicais e com os possíveis ataques dos nativos da região.

Em 1846, o explorador boliviano Agustín Palacios (1802-1875) realizou a navegação pelo rio Beni e seus afluentes até a atual

*Cachuela Esperanza*³, motivado não apenas pela honra de realizar tal empreendimento, mas como ele mesmo relata, pelo dever patriótico e o futuro progresso que a região amazônica boliviana poderia promover ao engrandecimento do Estado Boliviano:

A alta importância do objeto de que vou dedicar-me, que o considero com uma fonte inesgotável de recursos para a prosperidade e engrandecimento de Bolívia, me obriga a chamar a atenção de meus concidadãos, a do Governo e a de todos os homens interessados nos progressos da humanidade, a um assunto que até agora pouco tempo havia sido olhado com indiferença. (PALACIOS, 1852, p. 6).⁴

Palacios destaca a indiferença com que a região tinha sido vista até então pelo governo boliviano, e chama a atenção dos “homens interessados nos progressos da humanidade”. Demonstra especialmente que a região deveria ser explorada e vista como próspera e futuramente passível de desenvolvimento. Jean-Claude Roux em *Les Oriens Boliviens de L’amazonie au Chaco* (2002) escreve que a exploração de Palacios foi a primeira, e exemplar, expedição de reconhecimento de um território nominalmente boliviano, chegando até a nascente do Rio Madeira, e que não foi mais adiante em seu trajeto pela falta de recursos. O trecho do rio Madeira de seu início a Santo Antônio só seria explorado pelos irmãos José e Franz Keller em 1867. Os registros desta exploração seriam publicados apenas no ano de 1875 como *Exploration of River Madeira* em edição norte americana.

Depois da missão de exploração realizada por Palacios, destacamos aqui a expedição empreendida pelo o médico e explorador norte americano Edwin Heath entre 1879 e 1881. Em sua exploração Heath se baseou principalmente nos relatos de Agustín Palacios.

³ Assim chamada pelo explorador norte-americano Edwin Heath que a avistou depois do explorador Agustín Palacios, descendo as águas do Beni em 1880 e que se tornou propriedade da família Suárez. Segundo escreve Juan B. Coimbra em *Siringa: Memórias de um colonizador del Beni*.

⁴ “La alta importancia del objeto de que voi á ocuparme, que lo considero como una fuente inagotable de recursos para la prosperidad y engrandecimiento, me obliga a llamar la atención de mis conciudadanos, la del Gobierno y la de todos los hombre interesados en los progresos de la humanidad, hacia un asunto que hasta ahora poco tiempo había sido mirado con indiferencia”.

Em 1879, Edwin Heath iniciou a navegação pelo leito do Rio Beni até a embocadura com o rio Mamoré, adentrando assim no Rio Madeira, concretizando o projeto iniciado por Palacios. O histórico desta expedição e seus detalhes estão publicados como *The Exploration of River Beni* (1882)⁵. Nestes registros Edwin Heath além de conseguir transpor as cachoeiras do Beni e Mamoré, realizou observações meteorológicas e geográficas importantes para os bolivianos. Esses registros serviram para o reconhecimento e mapeamento da hidrografia da região, destacando os diversos seringais (chamados de barracas pelos bolivianos), a localização de tribos “selvagens”, povoamentos e cachoeiras, além de apontamentos sobre o modo de vida e características culturais dos nativos da região (SOUSA, 2012).

A indústria gomífera trouxe para a Bolívia, além das possibilidades mercantis da borracha, conflitos relacionados aos limites territoriais principalmente com Brasil e Peru. Também, ocasionou conflitos com povos nativos, considerados à época “bárbaros” ou “selvagens”. Por conta desse preconceito, como demonstram os registros da época, muitos destes indígenas foram convertidos e catequizados. Isso foi uma consequência do avanço e exploração realizada pelos colonizadores neste espaço. Muitos deles movidos pela esperança de riqueza rápida induzida pela indústria da borracha:

No ano de 1827 missionários franciscanos desceram o Beni até a tribo dos índios cavinenhos. Sobre uma pequena correnteza que flui no Madidi estabeleceram uma missão. Desde então realizaram várias expedições, em uma delas, desceram até o rio Jeneshuaya, ao qual deram o nome de Biata. Neste local encontraram uma família de índios pacaguaras, aos quais levaram como convertidos à Cavinás. Em 1869 ou 1870, notícias enviadas de Cavinás, informavam que era possível encontrar naquele lugar a árvore da goma

⁵ Publicado primeiramente no *Journal of the American Geographical Society of New York*, Vol. 14 (1882), pág. 117-165, traduzida e anotada ao castelhano pelo historiador boliviano Manuel Vicente Ballivián tendo sido publicada em 1896 na cidade de La Paz sob o título *La exploración del río Beni*, publicado ao português como *Exploração do Rio Beni 1880-81* por Saulo Gomes de Sousa e publicada em 2012 na Revista Veredas Amazônicas da Universidade Federal de Rondônia.

(seringueira). Francisco Cárdenas e Pablo Salinas seguiram para lá. (HEATH, 2012, p. 04).

Segundo os relatos de Heath a notícia de que na região existiam espécies de *havea brasiliensis* levou muitos interessados a se tornarem os primeiros a adentrar no negócio da borracha. Paralelamente a isso, vemos também que esta exploração iniciou uma série de intervenções na vida dos nativos da região, que em alguns casos se mostraram hostis a estes exploradores, ocasionando conflitos sangrentos entre indígenas e seringueiros, deste modo os dados fornecidos pelas explorações de Palacios e Heath foi de grande utilidade em incentivaram o interesse em se conhecer mais sobre o território, e em principal seus perigos.

A modernidade através do ciclo da borracha influenciou fortemente a necessidade de reconhecimento da região, como afirma o explorador Agustín Palacios em seu texto *Exploracion de los rios y lagos del Departamento del Beni* (1852):

O vasto e rico território que a Bolívia possui até sua parte oriental, chama atualmente a atenção de industriais europeus. A navegação dos caudalosos rios que a banham em toda sua extensão, é o pensamento que domina as várias sociedades, capazes de realizar tão grande projeto. Nestes momentos me parece oportuno fazer uma nova publicação de “Minha viagem de exploração no Rio Madeira” para contribuir deste modo, com uma pedrinha ao grande edifício que se pretende levantar beneficiando toda Bolívia e em honra do ilustre e patriótico Governo que inicie e leve ao término uma obra que tantos bens oferecem⁶. (PALACIOS, 1852, p. 02).

A importância que se apresenta a partir do reconhecimento da região amazônica boliviana por meio dos registros de Palacios e Heath

⁶ “El vasto y rico territorio que Bolivia posee hacia la parte oriental, llama en el día la atención de los industriales europeos; y la navegación de los caudalosos ríos que le bañan en toda su estension es el pensamiento que domina á varias Sociedades, capaces de realizar tan grande proyecto. En estos momentos me ha parecido oportuno hacer una nueva publicación de “Mi viaje de exploración en Rio Madera” para contribuir de este modo con una pequeña piedra siquiera al grande edificio que se pretende levantar en bien de todo Bolivia y en honor del ilustrado y patriota Gobierno que inicie y lleve al cabo una obra que tantos bienes ofrece”

se dá não apenas pelo contexto econômico em si, mas pela função de possibilitar a presença de bolivianos na região. Até então a concentração populacional da Bolívia se detinha apenas na região ocidental boliviana. O ciclo econômico da borracha possibilitou a distribuição populacional a esta parte oriental do país.

2. A OCUPAÇÃO FÍSICA DURANTE O CICLO DA BORRACHA E AS POPULAÇÕES NATIVAS

Para Zeitum Lopez (1991) o processo social que gerou a ocupação física do norte amazônico boliviano, como consequência do desenvolvimento da indústria gomífera, não foi como em outros países da região amazônica que vivenciaram idêntica atividade econômica. Na Bolívia ela superou o marco propriamente mercantil e o motivo de conquista territorial, ensejando o assentamento da soberania boliviana, e propiciando a colonização da região.

Diante das possibilidades que a região poderia fornecer, o estado Boliviano teve que explorar esse território ainda desconhecido em sua totalidade e potencial. Contudo, a presença dos bolivianos na região foi muito mais efetiva do que a própria presença do Estado Boliviano. Desta forma, inicialmente a descoberta da *havea brasiliensis* em lugares remotos trouxe a necessidade de mão-de-obra adquirida a baixo custo, utilizando indígenas convertidos e presos de guerra, como sustenta Frederic Vallvé Vallori em seu artigo *La Barraca Gomera Boliviana: etnicidad, mano de obra y aculturación 1880-1920* (2012):

La siringa se encontraba en lugares remotos y de poca densidad poblacional, por lo que requería una fuerza de trabajo importada de otras zonas. Por ello fue necesario internar grandes contingentes de mano de obra indígena: desde grupos independientes amazónicos, pasando por neófitos de las antiguas misiones jesuitas de Moxos y Chiquitos y las nuevas misiones franciscanas de Caupolicán, hasta «prisioneros de guerra» ava guaraní del Chaco. (VALLORI, 2012, p. 63).

Ao que parece o período gumífero foi porta para a conquista do território. Foi um marco no oriente boliviano definindo assim a presença de pessoas vindas das diversas zonas da Bolívia para o território amazônico.

O reconhecimento da região auspiciado por Palacios, que, segundo ele, não era apenas um dever individual por parte dele, mas um dever patriótico que deveria ser estendido ao conhecimento de outros bolivianos e do governo para incentivar o desenvolvimento regional, tal conhecimento fundamental o incentivou a republicar os documentos de suas explorações a fim de incentivar a colonização das promissoras terras do oriente boliviano.

Junto a esta exploração do território amazônico boliviano se seguiriam grandes mudanças nas sociedades que viviam ainda em seu modo de vida tradicional. E como resultado, a extinção de culturas desconhecidas pelo “mundo civilizado” que, através do progresso, agora sofreriam a descontinuidade de seus processos culturais. Estes seriam suprimidos pelos interesses do explorador, baseados nos interesses comerciais europeus. Uma mudança cultural rápida como salienta Giddens (1991), “as civilizações tradicionais podem ter sido consideravelmente mais dinâmicas que outros sistemas pré-modernos, mas a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema” (p.12).

Deste modo, despertado o interesse dos exploradores bolivianos, suas ações no ambiente amazônico provocariam rápidas mudanças por conta do grande número de colonizadores e jovens seringueiros envolvidos pela aventura e riqueza a ser conquistada.

Alguns seguiriam prontos para os possíveis conflitos com os indígenas, e outros utilizariam “formas pacíficas” como a conversão dos nativos ao catolicismo. A expedição de Palacios estava preparada para quaisquer imprevistos inclusive a conversão e catequização dos indígenas, segundo o trecho a seguir:

Depois de grandes esforços, pude enfim, em 7 de outubro de 1846 encontrei-me pronto para empreender a navegação. Levava comigo meu filho Gregório com seis fuzileiros, me acompanhou também o senhor Vigário doutor Eustaquio Durán com a finalidade de converter aos “bárbaros” inspirando neles as sublimes crenças de nossa santa religião⁷. (PALACIOS, 1852, p. 07)

Como em quase todos os registros de ocupação do branco na Amazônia, grande parte dos indígenas convertidos seriam utilizados como mão-de-obra para os futuros empreendimentos, por exemplo, no corte ou no transporte da borracha pelos rios. Seriam também utilizados como trabalhadores nas estâncias dos grandes colonizadores da Amazônia boliviana. Heath em 1880 demonstra a presença de alguns índios convertidos que serviam ao senhor Antenor Vasquez um dos pioneiros da colonização na região:

No dia 27 de setembro, em companhia do Dr. Vaca e de nove índios araanas aliados à nossa tripulação de nativos do país, iniciamos a viagem de descida. O Sr. Antenor Vasquez me pôs à disposição um de seus índios, o qual havia sido meu criado de mão, em minha viagem. Prestou-se a acompanhar-me, apesar de que todos queriam dissuadir-lhe em sua determinação. (HEATH, 2012, p.12).

O texto de Heath mostra também a hibridização da cultura destes povos e a possível criação de novos modelos centrais, que segundo o pesquisador boliviano Hugo Limpías Ortiz em seu artigo *Lo infernal, lo terrenal y lo celestial en la misión de Moxos* (2004), quando aborda sobre a influência das missões jesuíticas no antigo território de Moxos, atual Beni. Segundo Ortiz, a imposição de três novos modelos epistêmicos: o mítico-religioso, o espacial-urbano e o econômico produtivo facilitaram o processo de modificação estrutural dos modos de organização e pensamento das populações indígenas, criando um novo sistema cultural.

⁷ “Después de grandes esfuerzos, pude al fin, en 7 de octubre de 1846 hallarme espedito para emprender la navegación. Llevaba á mi hijo Gregorio con seis fusileros: me acompañó también el Sr, Vicario Dr. D. Eustaquio Duran con el fin de convertir à los barbaros inspirándoles las sublimes creencias de nuestra Santa Relijion.”

Deste modo, percebe-se como o efeito da modernidade a partir da criação de um novo sistema social nas comunidades indígenas onde se substituí as antigas tradições destes povos, definindo não apenas o domínio da região, mas, ao mesmo tempo, propiciando a conversão por parte do indígena a este novo sistema social.

O conhecimento da região Amazônica, favorecido pela aproximação e construção desta nova ordem social que envolvia exploradores e indígenas, beneficiou a presença boliviana na região através de uma sociedade estratificada.

O interesse por estes territórios do norte e noroeste boliviano crescia nas esferas do governo boliviano. E nas últimas décadas do século XIX ficaram evidentes os esforços para dinamizar e estimular as atividades econômicas e também o controle e povoamento do território (BELTRÁN, 2001).

Durante o surto da borracha, muitos bolivianos e estrangeiros foram instigados a “conquistar” a região, o que fortaleceu a aquisição territorial enquanto soberania nacional e de atrativo econômico. Podemos citar a experiência da Casa Suárez estabelecida em 1881 em *Cachela Esperanza* dirigida por Nicolas Suárez que uniu a selva aos caminhos do Madeira e do Amazonas aproveitando a experiência de Heath. Fonseca escreve que:

A partir desse ano a firma Suárez Hermanos se constituiria na mais poderosa empresa de capital regional a operar no ramo do extrativismo do látex, dominando, ao longo do tempo, 16 milhões de acre de seringais, estendendo suas filiais até as praças de Belém, Manaus e Londres, controlando o circuito da importação dos aviamentos para sua área de influência e, mais espantoso, conseguindo burlar o monopólio das companhias européias e norte-americanas, exportando diretamente para aqueles países. (FONSECA, 1998, p. 06).

O sucesso e influência da Casa Suárez mostrou as potencialidades e riquezas que a região poderia prover ao povo boliviano e ao colonizador do noroeste, fortalecendo o discurso de Palacios de que se deveria “*bolivianizar*” o noroeste. Zeitem López sustenta que a presença boliviana no território se deu em modo de confrontação nacional:

Fue ejecutada en el nivel de una confrontación nacional por avanzar sobre tierras desconocidas del corazón sudamericano, en estas, nuestras, pero aún no halladas tierras de noroeste: su impacto y fascinación económica fue tan espectacular como también fueron censurables los que se protagonizaron con el nativo así como en el campo de las relaciones sociales, todo lo cual despertó codicia [...] (LOPEZ, 1991, p. 04).

A migração em massa, ao mesmo tempo em que intensificava a *bolivianidad* na região, afetava as antigas relações sociais dos povos nativos, causando mudanças significativas em sua cultura. Como ressalta Giddens (1991) esta é “uma das conseqüências fundamentais da modernidade, é a globalização. Esta é mais do que uma difusão das instituições ocidentais através do mundo, onde outras culturas são esmagadas”. (p. 153).

Edmundo Paz Soldán escreve no prefácio de *Raza de Bronce* (2006) de Alcides Arguedas que a era moderna boliviana criada pelas elites mineiras a partir de 1880, logo após a derrota boliviana para os chilenos na guerra do Pacífico impulsionou um projeto modernista que, semelhante a outros países da América latina, se concentrava no progresso econômico da nação e não na transformação das estruturas tradicionais de participação cidadã, e que excluía da esfera pública a mulher e o indígena.

Neste período o indígena na sociedade boliviana e mesmo a partir da literatura do país foi visto como um ser “degenerado” e abaixo do mestiço. Este discurso sobre o indígena ocidental boliviano reforçou o preconceito sobre as populações indígenas do noroeste por parte dos colonizadores e seringueiros. Preconceitos declarados em registros e crônicas depreciativas que valorizavam apenas a conquista do ambiente a qualquer custo, visando sempre o progresso e pondo à margem o nativo, o indígena.

A presença do seringueiro neste ambiente de conquista cumpre e executa a consolidação da *bolivianidad* do território, motivado mais pela indústria da borracha do que pela presença do governo. A busca

de riqueza e aventura ante o desconhecido durante o *boom* da borracha levou cruzadas ao norte boliviano de homens como Juan B. Coimbra que em seu livro *Siringa: Memorias de um colonizador del Beni* (1974) relata suas experiências na exploração da Amazônia boliviana na segunda metade do século XIX:

El hecho de haberse organizado los primeros centros de trabajo en los ríos Beni, Madre de Dios, Orton y sus respectivos afluentes, tuvo profunda repercusión en todas las poblaciones del país, especialmente en Santa Cruz, cuyos hijos habían coronado las hazañas más loables, cuantos cruceños retornaban del Norte, de las selvas – el Antisuyo para los Incas- todos eran portadores de la buena nueva, encarnando la urgencia de elemento humano, cuyo concurso era necesario para el éxito de la naciente industria. (COIMBRA, 1974, p. 23-24).

Assim como em todos os lugares onde a o surto gumífero se fez presente, a região despertou o interesse de muitos bolivianos, que viam outras personagens retornarem com as histórias de riquezas, incentivando a muitos seguirem em direção ao novo mito do Eldorado que se estabelecia. Esta leva de bolivianos, rumando para a conquista da porção oriental daquele país, intensificava a dominação do território até então desconhecido da grande maioria dos bolivianos. O seringueiro boliviano era, em tese, a própria Bolívia.

Neste aspecto há de salientar-se que nestes grandes deslocamentos existem os vícios e os desmandos inerentes ao progresso (CUNHA, 2000). Neste espaço, se juntaram aos bolivianos, brasileiros e outros colonizadores de distintas nacionalidades na *epopeya cauchera*, misturando-se ao nativo, forçosamente formando um novo espaço e um ser amazônico boliviano no novo ambiente de soberania boliviana. Nesta experiência vital de tempo e espaço em si, o seringueiro em meio a este ambiente surge como sujeito dentro de uma experiência que segundo Marshall Berman (2001) é a experiência ambiental da modernidade que:

Anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 2001, p. 15).

As pessoas inseridas neste processo e em novo ambiente seguem envoltas em meio a esta condição. Enfrentam sentimentos diversos tanto de acreditarem em serem os primeiros como os últimos a experimentar tal situação, neste caso, o da colonização e domínio do espaço ainda não explorado nem conhecido, o Paraíso Perdido ou o Eldorado. Para Berman este sentimento engendrou diversos mitos nostálgicos, denominados de pré-modernos.

Ao mesmo tempo em que a modernidade parece vir para destruir radicalmente a história e tradições de determinado povo, ela se torna uma criadora de novas tradições.

Isso demonstra de alguma forma, que a modernidade no espaço amazônico boliviano criou novas tradições. Essas inovações foram frutos das mudanças e intervenções sociais, em meio à mobilidade de povos e pessoas que adentraram nesse turbilhão durante o ciclo da borracha. Heath descreve à época, os resultados da exploração:

A perspectiva que apresentava a goma enlouqueceu a muitos homens, e muitos venderam seus gados e terras para entrar no negócio da borracha. Antes da exploração existiam 185 trabalhadores envolvidos na extração da borracha no rio Beni e a colheita alcançou a 104.000 libras em 1880. Nos quatros meses posteriores à exploração, este número havia subido para 644, e agora, provavelmente, existam muito mais trabalhadores na extração da borracha. (HEATH, 2012, p. 21).

O enlouquecimento promovido pela febre da borracha induziu a muitos a apostarem todas suas esperanças, e marcharam para a parte oriental do país na intenção de alcançar riqueza, sem imaginar o que esperava no território Amazônico. Lá chegando, muitos por força da necessidade, permaneceram, efetivando assim a posse do território.

Adaptaram-se ao ambiente e o modificaram, utilizando-se das tradições indígenas para sobreviver na selva boliviana, criaram uma nova tradição. Neste contexto, considera-se que esta nova tradição é uma consequência da modernidade.

Como nós sabemos, nem todo o progresso advindo da modernidade atua também de forma positiva no campo humano. A Amazônia boliviana presenciava os efeitos e conseqüências desta nova indústria da borracha e seu trabalho industrial, que Giddens ao abordar as visões de Weber, Durkheim e Marx exemplifica:

Para dar um exemplo, todos os três autores viram que o trabalho industrial moderno tinha conseqüências degradantes, submetendo muito seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo. Mas não se chegou a prever que o desenvolvimento das "forças de produção" teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente material. Preocupações ecológicas nunca tiveram muito espaço nas tradições de pensamento incorporadas na sociologia, e não é surpreendente que os sociólogos hoje encontrem dificuldade em desenvolver uma avaliação sistemática delas. (GIDDENS, 1991, p.13).

Muitas destas inovações e formas de trabalho no ambiente amazônico, em tese promoviam a economia do país. Embora desconectada de preocupações em relação ao ambiente material e de preocupações ecológicas, exerceriam definitivamente intensos impactos no modo de vida tradicional dos nativos e no ambiente amazônico.

O indígena do oriente boliviano sofreria a perda de suas antigas tradições ao ser submetido à cultura da chamada "civilização". Podemos compreender a perda destas tradições a partir da chegada da modernidade neste trecho onde Heath descreve ter visto uma única vez índios selvagens durante sua exploração:

Com o binóculo vimos um índio *chacobo* nu que estava parado na margem à frente. Vendo que não parávamos, deixou de gritar, e logo uns vinte homens armados saíram, de sua guarida, do bosque, onde se haviam posto em emboscada. Esta foi a única vez em que vi índios *selvagens*, salvo os que

se encontram já submetidos nos centros civilizados. (HEATH, 2012, p. 20).

Vários povos indígenas como os *chacobos*, considerados “selvagens”, quando não foram mortos foram submetidos à “civilização”, em geral através da igreja católica. O indígena adotava o modo de vida urbano, mas deve-se considerar que muitos indígenas ainda mantiveram suas práticas adaptadas ao novo modelo de vida a qual foram submetidos.

Neste sentido, como salientado anteriormente, a modernidade nem sempre atinge o campo humano de forma consciente. Em meio a essa motivação causada pelo surto da borracha enquanto afirmação do território amazônico, o progresso como promessa da modernidade agiu como um trator sobre o tempo e o espaço das culturas tradicionais da região. Para Giddens (2001) a modernidade é universalizante, não apenas em termos de seu impacto global, mas também em termos do conhecimento reflexivo fundamental de seu caráter dinâmico. O que nos possibilita futuras investigações sobre as conseqüências da modernidade no ambiente amazônico e seus reflexos na atualidade.

CONCLUSÃO

Nesta introdutória investigação dos textos de Heath e Palacios tentou-se apresentar como se deu a conquista do território oriental boliviano, mais precisamente a região que compete a Amazônia.

Também intentamos investigar como a modernidade, por meio do surto da borracha motivou grandes deslocamentos de homens ao *Eldorado*, levando com eles as bandeiras do “progresso” e da “civilização”.

Este avanço do homem sobre o ambiente amazônico lançou sobre as populações indígenas sementes tanto para suas extinções, culturalmente falando, quanto à sua conversão ao catolicismo.

Muitas destas etnias ainda se sustentam e sobrevivem com suas tradições e seus modos culturais. Entre estas tribos estão os *movimas*, *moxeños*, *sirionós*, *itonomas*, *canichanas*, *cavineños*, *chacobos*, *baures*, *cayubabas*, *chimanes pacaguaras*, *otuquis*, *pausernas*, *yuracarés*.

Ao mesmo tempo tentou-se refletir sobre os reais efeitos da modernidade na Amazônia, compreendendo-se que a modernidade agiu sob o lema do progresso levando a civilização e favorecendo o surgimento de um espaço onde as antigas tradições foram substituídas por outras oriundas da modernidade.

Apesar do interesse despertado por Palacios em seu dever patriótico de dar a conhecer a região aos bolivianos, a região ainda segue na promessa de progresso não deixando de ser ainda um desejo da república que se concretize a marcha ao oriente boliviano, sendo estes um dos maiores projetos desde a revolução 1952⁸. (SURUCO, 1998).

Ainda são poucos os acessos do oriente aos grandes centros, e a possibilidade com as quais se mostram estas aberturas e rotas terrestres atualmente pode trazer ainda mais conflitos aos indígenas da região, pois a estes empreendimentos seguem grandes interesses econômicos, que não observam as populações nativas que ainda resistem na região, podendo-se citar como exemplo a controversa estrada que pretende cortar o TIPNIS (Território Indígena e Parque Nacional Isiboro Securé) localizado entre os departamentos de Cochabamba e Beni.

⁸ Em abril de 1952 o Movimento Nacional Revolucionário (MNR) derruba o general Hugo Ballivián em favor de seu líder Víctor Paz Estenssoro que assume a presidência da Bolívia.

Segundo Gustavo Bonifaz (2013) o conflito que se faz em torno da estrada sobre a TIPNIS⁹ não é um conflito pela estrada, e sim uma disputa em torno das mudanças sociopolíticas e as tensões inerentes a estas mudanças, provocadas por este empreendimento. Neste conflito estão os setores indígenas das terras baixas que tem uma visão mais amigável com o meio ambiente e há também outros setores camponeses e urbanos populares que possuem uma visão mais desenvolvimentista do processo

É mais uma prova de que a modernidade ainda assombra esta região visando um futuro de “progresso” da nação boliviana e deixando à margem as populações nativas.

Conclui-se este artigo afirmando ser este apenas uma pequena introdução a um assunto que se acredita ser ainda passível de investigação por várias óticas no contexto: Amazônia e Modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. SP: Companhia das Letras, 2001.

BELTRÁN, Clara López. **La Exploración y ocupación del Acre (1850-1900** in Revista Indias vol. LXI, núm. 223, España, 2001.

COIMBRA, Juan B. **Siringa**: memorias de un colonizador del Beni. Author, Edition, 2. Publisher, Ediciones Puerta del Sol, 1974.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

FONSECA, Dante. **Região e história, um problema de conceito: o caso da colonização do madeira durante o século XIX**. In Revista Presença, Set.- Nº 13, Vol II, Porto Velho. UNIR, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**; tradução de Raul Fiker. - São. Paulo: EdUNESP, 1991.

HEATH, Edwin. **Exploração do Rio Beni 1880-1881**. Tradução de Saulo Gomes de Sousa in Revista Veredas Amazônicas, Porto Velho, 2 de maio 2012. Disponível em:

⁹ TIPNIS: más que un conflicto por una carretera. Disponível em <http://www.dw.de/tipnis-m%C3%A1s-que-un-conflicto-por-una-carretera/a-16506622> 08/01/2013.

<http://www.periodicos.unir.br/index.php/veredasamazonicas/article/view/431>. Acesso em: 04 Jul. 2013.

LOPEZ, Said Zeitum. **Amazonia boliviana**: introduccion al estudio de la tematica norteamazonica. La Paz: Visión, 1991.

LIMPIAS ORTIZ, Hugo. **Lo infernal, lo terrenal y lo celestial en la misión de Moxos**. (2004).

OTERO REICHE, Raul. **Cantos del hombre de la selva**: Antología Poética. Santa Cruz de la Sierra; Casa de la Cultura Raul Otero reiche, 1988.

PALACIOS, José Agustín. **Exploraciones realizadas en los ríos Beni, Mamoré y Madera y el Lago Rojo-Aguado durante los años 1844 al 47: Descripción de la Provincia de Moxos**. La Paz: Imp. "El Comercio," 1893.

PAZ SOLDÁN, Edmundo in ARGUEDAS, Alcides. **Raza de Bronce**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2006.

ROUX, Jean-Claude. **Les Orients Boliviens de L'amazone au Chaco**: Bibliographie analytique et commentée (documents parus depuis 1825). Boudoux: CRET, 2002.

SOUZA, MARCIO. **Amazônia e modernidade**. Revista de *Estudos Avançados*, vol.16 no.45 São Paulo May/Aug. 2002.

VALLVÉ VALLORI, Frederic, **La Barraca Gomera Boliviana**: etnicidad, mano de obra y aculturación 1880-1920. Boletín Americanista, año LXII, 2, n.º 65, Barcelona, 2012.